

A PESQUISA-AÇÃO EXISTENCIALISTA E A EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO: UM DIÁRIO E MUITOS ANSEIOS

Cíntia Lopes Vieira de Jesus

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC
Grupo de Pesquisa: Políticas Públicas e Gestão Educacional – PPeGE
Mestre em Educação – PPGE/UESC
cinthiavieira1988@hotmail.com

Cândida Maria Santos Daltro Alves

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC
Grupo de Pesquisa: Políticas Públicas e Gestão Educacional – PPeGE
candida_alves@yahoo.com.br

Resumo: O artigo intitulado de A Pesquisa-ação Existencialista e a Educação Infantil do Campo: um diário e muitos anseios é o recorte de uma pesquisa de mestrado que teve por objetivo geral compreender como acontece a formação dos/as professores/as da Educação Infantil Campesina no município de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Para isso, respaldado em Barbier (2007) e Franco (2005), entre outros colaboradores, este trabalho foi desenvolvido tendo como premissa a pesquisa-ação, considerando os pensamentos freirianos (FREIRE, 1987, 1992, 1996) e apoiando-se em algumas categorias, como as situações-limites e atos-limites, advindos de um grupo de estudos e de reflexões dos registros no Diário de Itinerância, baseado no princípio do diálogo, possibilitando o acesso a informações precisas, referentes aos professores e professoras da primeira infância, do espaço campesino de Bom Jesus da Lapa – BA, por meio da escuta sensível. Assim, foram realizados quatro encontros de diálogos com as professoras que atuam em quatro escolas situadas no Projeto Formoso “A”, perímetro de irrigação do referido município. Enfim, durante a realização da teorização dos dados obtidos através dos diálogos no Grupo de Estudo, as pesquisadoras coletivas afirmaram que o melhor produto a ser compartilhado aqui é a vontade de divulgar o quão especial e específico é o Projeto Formoso “A”, quando não se encaixa em Educação Urbana nem Campesina, informação nunca antes pensada pelas mesmas, mas que agora faz sentido e as convida a rever as suas práticas e ações, seja em sala de aula/referência, seja nos cursos de formação continuada.

Palavras chave: Pesquisa-ação existencialista; Educação Infantil do Campo; Diário de Itinerância.

Introdução

Historicamente, a educação brasileira, enfrenta alguns entraves. Seja por questões sociais, seja por questões políticas, seja por questões religiosas. Na Educação Infantil,

especificamente, não é diferente, a mesma só tem ganhado espaço nos seminários e nas pesquisas em âmbito educacional, há poucas décadas, e de modo tímido.

Além de as crianças pequenas, outros sujeitos, por décadas esquecidos, foram os camponeses. Lidar com pessoas que pensam e agem diferentemente de nós, seja pela faixa etária, seja pelos costumes que carregam, não é fácil, principalmente para quem não tem bases culturais semelhantes e/ou não busca por aperfeiçoamento. Exemplo disso são os/as professores/as que se deslocam da cidade para trabalhar em espaços camponeses, realidade bastante comum, uma vez que poucos são os camponeses que dispõem de condições de migrar para a cidade a fim de estudar e poder dar retorno à sua comunidade, visto que em seus locais de pertencimento não há a oferta do Ensino Superior.

Considerando a realidade descrita acima, bem como o fato de a mesma não estar distante de nós e que o descaso para com a educação das crianças camponesas ainda não é prioridade em muitos municípios, como é o caso de Bom Jesus da Lapa – BA, eis que surge a seguinte indagação, que, *a posteriori*, conduziu esta pesquisa: como acontece a formação dos/as professores/as da Educação Infantil Camponesa no município de Bom Jesus da Lapa – BA?

Para melhor entendimento, visualização e organização das ideias advindas dos estudos ao longo dos anos, este trabalho traz como objetivo geral compreender como acontece a formação dos/as professores/as da Educação Infantil Camponesa no município de Bom Jesus da Lapa – Bahia.

Tendo em vista a importância de se fazer pesquisa em Educação, especialmente quando esta tem como intuito contribuir no processo de aperfeiçoamento dos profissionais da área, a mesma foi de caráter qualitativo. Ciente da flexibilidade de uma ação, bem como de como essa se dá, a pesquisa desenvolvida partiu dos princípios da Pesquisa-ação, de acordo com os preceitos de Barbier (2007) e Franco (2005), entre outros colaboradores.

Assim, este trabalho foi desenvolvido tendo como premissa a pesquisa-ação existencial, de cunho qualitativo, considerando os pensamentos freirianos (FREIRE, 1987, 1992, 1996) e apoiando-se em algumas categorias como as situações-limites, os atos-limites e o inédito viável — mesmo que a última categoria não tenha sido atingida —, advindos de um grupo de estudos e de reflexões presentes no Diário de Itinerância, baseado no princípio do diálogo, possibilitando o acesso a informações precisas referentes às professoras da Educação Infantil, do espaço camponês de Bom Jesus da Lapa – BA, que atuavam no Projeto Formoso “A”, por meio da escuta sensível.

Nesse sentido, foram realizados quatro encontros de diálogos com 12 professoras, assíduas, visto que houve desistências, que atuavam nas quatro escolas situadas no Projeto Formoso “A”, perímetro de irrigação do município de Bom Jesus da Lapa. Enfim, durante a realização da teorização dos dados obtidos através dos diálogos no Grupo de Estudo, bem como das informações presentes no Diário de Itinerância, foi possível evidenciar o quão urgente e necessário são os momentos de escuta.

No decorrer desse escrito, tecemos algumas reflexões desencadeadas a partir dos diálogos com as professoras-pesquisadoras. E, diante dos registros trazidos no Diário de Itinerância, foi possível destacarmos algumas situações-limites, bem como atos-limites que conduziram as discussões que seguem.

Por fim, ao longo do texto trazemos informações acerca das vantagens de se fazer pesquisa em educação, sob os preceitos da Pesquisa-ação Existencial, principalmente, quando os sujeitos são, historicamente, oprimidos.

O existencialismo e a pesquisa-ação existencial

Vivemos em uma sociedade regida por normas e leis que ditam o que se pode ou não fazer. Aparentemente, vivemos podados e limitados, contudo não é essa a leitura que Jean-Paul Sartre (1970) faria. Para o mesmo, que foi um filósofo existencialista ateu, somos todos livres para escolhermos se iremos ou não seguir tais regras, porém devemos estar preparados para arcar com as possíveis consequências, uma vez que acreditava que somos construtores da nossa história, apesar dos limites econômicos impostos (SARTRE, 1970).

Sartre, que viveu toda a sua vida no século XX (1905–1980), é o representante mais popular do existencialismo. Essa corrente filosófica defende a ideia de que nos construímos no decorrer da nossa existência, ou seja, “a existência precede a essência” (SARTRE, 1970). Isso significa que não há roteiros para serem seguidos, não há destino, mas há a oportunidade de fazermos escolhas que reflitam em nossa autoformação. Ele acrescenta:

O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada; só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo (SARTRE, 1970, p. 04).

A corrente existencialista surge em oposição à essencialista. A última defende a ideia de que a essência precede a existência, ou seja, que alguns já nascem preparados moral, física e intelectualmente para dirigir, enquanto outros grupos vieram ao mundo para exercer a função de servos. O essencialista acredita que a humanidade se divide em castas, pessoas de sangue nobre e outras divisões que se vinculam estreitamente ao exercício do poder. Dentro da nossa compreensão, Sartre (1970), Paulo Freire (1992, 1996, 1987) e Barbier (2007) não acreditam na predestinação nem no determinismo histórico. Ao contrário, como existencialistas, acreditam na transformação social pela ação dos oprimidos.

Crentes de que os homens e as mulheres têm poder e livre arbítrio para pensar, refletir e agir, modificando assim um futuro pensado para eles/as, por outros, neste trabalho focamos na perspectiva existencialista, tendo como metodologia a pesquisa-ação existencialista defendida por Barbier (2007).

A pesquisa-ação existencial

A pesquisa-ação existencial (PAE), defendida por Barbier (2007) e corroborada por Miranda (2006), visa provocar mudanças no contexto onde se desenvolve, cuja dimensão pode oscilar entre o micro e o macro estrutural e/ou entre o objetivo e o subjetivo, e parte de quatro pilares essenciais, sendo eles: a arte, o rigor clínico, o desenvolvimento coletivo e, por fim, o objetivo de uma adaptação relativa de si ao mundo.

O primeiro pilar, a arte, nos remete ao pensamento de Luís Fernando Veríssimo quando afirma: “A verdade é que a gente não faz filhos. Só faz o *layout*. Eles mesmos fazem a arte-final”. Uma PAE é fruto da participação de todos os envolvidos, por meio de uma dinâmica em busca sempre de novas maneiras de se chegar a mudanças. A arte de pensar, de refletir diante de uma situação, de modo sensível, está presente na PAE, desde o momento em que considera e respeita o contexto do grupo. A arte de saber olhar, de saber ouvir, de saber conduzir é indispensável ao pesquisador-coletivo.

Como ressalta Sartre (1970, p. 04), “o homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo”, ou seja, o homem é o responsável pela sua “arte-final” que nunca está pronta, visto que permanece em constante mutação.

O rigor clínico, por sua vez, reforça a ideia de que mesmo que não estejamos discutindo um tipo de pesquisa, predominantemente quantitativo, a PAE possui rigores a serem respeitados. Barbier (2007) aponta pelo menos cinco quesitos que necessitam ser considerados durante uma PAE:

- Rigor do quadro simbólico;
- Rigor da avaliação permanente da ação;
- Rigor dos campos conceituais e teóricos;
- Rigor da implicação dialética do pesquisador;
- Rigor para com a tríplice escuta-ação (científica, filosófica, mitopoética).

Este mesmo autor amplia o seu pensamento lembrando que “o pesquisador está ao mesmo tempo presente com todo o seu ser emocional, sensitivo, axiológico, na pesquisa-ação e presente com todo o seu ser dubitativo, metódico, crítico, mediador enquanto pesquisador profissional” (BARBIER, 2007, p. 69).

O terceiro pilar, quicá o mais evidente na pesquisa-ação, dá ênfase à coletividade. Prima-se, pois, que a mesma aconteça em grupo, onde todos os sujeitos tenham voz ativa. É possível afirmar que a PAE não se concretiza sem a participação coletiva.

Por fim, o último pilar sustenta que a pesquisa-ação existencial se dá a partir do objetivo da adaptação relativa de si ao mundo, ou seja, a intenção que a move é a mudança dos sujeitos envolvidos na mesma, não necessariamente a mudança da situação desejada, mas do pensamento e ações daqueles que a discutiram.

O método em PAE

Barbier (2007), ao falar sobre o método em PA, destaca alguns pontos que merecem uma atenção especial, a saber: o problema e a contratualização; o planejamento em espiral; as técnicas da PA e; por fim, tão singular quanto as já mencionadas, a teorização, a avaliação e a apresentação dos resultados.

O problema e a contratualização: Quando se pretende fazer pesquisa em Educação, é de extrema necessidade conhecer o contexto no qual se dá a situação a ser investigada. Perceber-se, de fato, os sujeitos envolvidos sentem a mesma necessidade que o pesquisador, isso

quando o último não tenha sido convidado, mas tenha se autoconvidado a desmistificar alguma inquietação.

O planejamento e a realização em espiral: Outro ponto a ser discutido e que compõe o processo da pesquisa-ação é o seu planejamento em espiral. Franco (2005), baseada em estudos realizados desde muitos anos por Lewin até Elliot, ratifica que a relação entre a pesquisa, a reflexão e a ação, de maneira cíclica, favorece a integração entre o pesquisador-grupo, permitindo que o mesmo se aprofunde e compreenda as situações vividas pelo grupo.

As técnicas de pesquisa-ação: As técnicas de pesquisa-ação, para bem atender às suas necessidades, precisam ser selecionadas e estruturadas, considerando desde o objetivo até o perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Isso porque elas precisam fazer sentido para todos os pesquisadores, visto que parte dos mesmos pode não ser de profissionais e, logo, desconhecer termos técnicos. Barbier (2007, p. 125) lembra-nos que

o pesquisador em pesquisa-ação existencial tem a preocupação de ser compreendido e de poder agir eficazmente com não-especialistas. Ele é obrigado a conhecer as possibilidades imaginárias das pessoas em função da própria cultura delas e de propor-lhes mecanismos de investigação apropriados.

Para que se possa considerar a história de vida do outro, para que se possa compreender e, conseqüentemente, atribuir sentido à cultura de quem fará parte da pesquisa, faz-se necessário usufruir e deleitar-se no processo da escuta sensível. Ao exercitar a mesma, a probabilidade de desenvolver a observação e o diário de itinerância, enquanto técnicas de pesquisa-ação, é bem mais possível.

Os resultados: Em uma pesquisa-ação, os resultados se dão após a teorização das informações obtidas, no decorrer das ações, seguidas da avaliação constante de cada situação que permear os percursos vivenciados pelos pesquisadores. Percebe-se que os resultados estão imbuídos dentro do ciclo no qual se dá a PA, como fica evidente abaixo, onde tudo surge a partir da Situação Problemática e segue um ritmo constante.

Esquema 1: Pesquisa-ação e o seu desenvolvimento em espiral.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para tanto, para melhor riqueza e teorização dos dados obtidos, a PAE aqui compartilhada, foi apoiada em Paulo Freire (1987) e em algumas das suas categorias, a fim de avaliar o processo no qual se deu a pesquisa desenvolvida, que precedeu este escrito. Assim, ater-nos-emos às situações-limites, aos atos-limites e ao inédito viável, com o intuito de atingir o ser mais.

É importante lembrar que a busca pelo ser mais não se dá no isolamento, mas na comunhão, nas relações com os seus semelhantes, e é por meio do diálogo e ciente da sua inconclusão que o homem caminha rumo ao ser mais, pois “ninguém pode ser, autenticamente, proibindo que os outros sejam. Esta é uma exigência radical. O *ser mais* que se busque no individualismo conduz ao *ter mais egoísta*, forma de *ser menos*. De desumanização” (FREIRE, 1987, p. 75, grifos do autor).

As situações-limites, por sua vez, são realidades objetivas que despertam a necessidade dos sujeitos em investigar, compreender e ter consciência da sua essência. Uma mesma situação pode despertar o interesse de grupos variados, pois, a depender da sua influência, pode surtir efeitos diversos. Daí, partindo de uma visão reflexiva, é sabido que as situações-limites não devem ser vistas como problemas eternos, mas sim como convites à

superação, à mudança, à transformação de algo. Como Freire (1987, p. 95) lembra-nos, “para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das ‘situações-limites’ em que os homens se acham quase coisificados”.

Enxergar “coisas” é uma tendência recorrente de ações opressoras, visto que os opressores, de acordo com Freire (1987), tendem a inanimar tudo e todos que se encontram em sua posse. Sobre estes, afirma que “quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em ‘coisa’, em algo que é como se fosse inanimado” (FREIRE, 1987, p. 46). Contudo, o mesmo autor deixa bem claro que para superar as situações-limites, os oprimidos devem buscar a sua libertação, enquanto homens, não enquanto coisas, ou seja, devem partir de si e não do que pensam sobre si (FREIRE, 1987).

Os atos-limite são reflexos das situações-limites, se pensarmos que os primeiros dependem dos últimos para serem idealizados. Como o próprio Freire (1987) frisa em sua obra, *A Pedagogia do Oprimido*, os atos-limites (AL) são respostas transformadoras, respostas às situações-limites surgidas outrora. Nessa ótica, os AL pressupõem uma postura de tomada de decisões com o intuito de transformar aquilo que acredita ser carente de mudanças.

Por fim, temos o inédito viável, que para os sujeitos oprimidos é como um sonho que é possível ser realizado, desde que se parta de uma proposta dialógica, libertadora; enquanto para os opressores, o inédito viável não pode ser concretizado, obrigando os sujeitos a se adaptarem às situações-limites, outrora percebidas. Freire (1992, p. 106) explica que “o ‘inédito-viável’ é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um ‘percebido destacado’ pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade”. A utopia, nesse caso, deixa de ser utopia quando os sujeitos passam a desejar a sua realização de modo reflexivo e, para além do desejo, agem em prol da mudança.

PAE em prática: o diário de itinerância das professoras da Educação Infantil do Campo

Ao longo do ano de 2018, dialogamos com as professoras da EIC das escolas do Projeto Formoso “A”. Devido a alguns entraves, como a liberação de combustível para o transporte escolar, reformas dos prédios escolares, greve dos caminhoneiros, bem como os

festejos em prol da Copa do Mundo 2018, os diálogos foram limitados. Contudo, mesmo cercados de angústias, os encontros se deram em cada uma das quatro escolas do perímetro de irrigação.

Agir, refletir e agir novamente, diante das situações que surgiram no decorrer dos diálogos só foi possível por se tratar de uma pesquisa-ação existencial, já que a mesma prima por compreender e contribuir no processo de mudança de algo que incomoda um determinado grupo, em nosso caso, o grupo de professoras da EIC do Projeto Formoso “A”, em Bom Jesus da Lapa, Bahia.

Assim, serão apresentados reflexões decorrentes do Diário de Itinerância, sobre cada um dos diálogos, sem avaliarmos os mesmos, mas sempre nos ancorando nos dizeres de Paulo Freire (1996), quando tece pensamentos acerca da importância da escuta. Visto que a escuta sensível se fez presente em todas as etapas da pesquisa. Ele nos lembra que

escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação (FREIRE, 1996, p. 119).

Assim, diante de uma escuta sensível, atenciosa e melindrosa, respeitando os posicionamentos de cada professora, sem julgá-la, e tampouco condená-la, por quaisquer observações apontadas, foi possível sintetizar algumas informações que se destacaram no transcorrer dos discursos. É importante frisar que o objetivo dos diálogos não foi estudar nenhuma temática predefinida pela pesquisadora antes de estar com as partícipes. Todos os diálogos foram pensados mediante necessidades percebidas nos encontros anteriores.

Nesse viés, a princípio, trazemos o Plano de Ação, o qual conduziu a realização de cada momento, como se pode notar abaixo:

Quadro 1: Plano de ação – diálogos com as professoras.

O QUÊ?	COM QUEM?	ONDE?	QUANDO?	DURAÇÃO
Diálogo I	Professoras da EIC do Projeto Formoso “A” e pesquisadora	Centro Educacional Formoso “A” – Setor 33	28/02/2018	≈ 2h 30min
Diálogo II	Professoras da EIC do Projeto Formoso “A”	Núcleo Educacional	23/03/2018	≈ 2h 30min

	e pesquisadora	Formoso “A” – Setor 14		
Diálogo III	Professoras da EIC do Projeto Formoso “A”, coordenadora da EMACS – Setor 04 e pesquisadora	Escola Municipal Engenheiro Marco Souto – Setor 07	09/05/2018	≈ 2h 30min
Diálogo IV	Professoras da EIC do Projeto Formoso “A” e pesquisadora	Escola Municipal Antônio Cardoso dos Santos – Setor 04	08/06/2018	≈ 2h 30min

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os quatro diálogos que se sucederam, em companhia das professoras da EIC do Projeto Formoso “A”, possuíam algumas características em comum, dentre elas, a receptividade em cada uma das escolas visitadas. O apoio que nos faltou, por parte da Secretaria Municipal de Educação, como a liberação do transporte, foi superado pela calorosa recepção em cada unidade de ensino. Todas as escolas nos receberam com um delicioso café da manhã e com um ambiente organizado, exclusivamente, para o grupo.

Para que cada diálogo acontecesse, a pesquisadora deslocou-se cerca de 20 km da cidade até a portaria¹ (único ponto de parada, na beira da rodovia, que dispõe do serviço de mototáxi). De lá, foi de mototáxi até a escolas dos setores 33, 14, 07 e 04, percorrendo cerca de 10,5 km, 6 km, 4 km e 10 km, respectivamente, nos dias agendados. Isso retrata a realidade de algumas professoras que residem na cidade e não dispõem de transportes próprios para se deslocar até aos seus locais de trabalho, tendo que optar, muitas vezes, por caronas, visto que o horário dos transportes coletivos nem sempre coincidem com o horário de início das aulas.

Teorização e avaliação dos dados: reflexões sobre os diálogos

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão, em permanente movimento na História.

(FREIRE, 1996, p. 136).

¹ Portaria é cada entrada/acesso para as comunidades que compõem o Perímetro de Irrigação.

Neste espaço teceremos algumas reflexões desencadeadas a partir dos diálogos com as professoras da Educação Infantil, atuantes na comunidade Projeto Formoso “A”, em Bom Jesus da Lapa. Como Barbier (2007, p. 144-145) aponta, “uma pesquisa-ação chega ao fim quando o problema inicial é resolvido, se é que pode realmente sê-lo. Somente as pessoas ligadas podem por fim afirmá-lo”. Pelo fato de a pesquisadora principal ser um sujeito implicado na pesquisa, é possível afirmar, desde já, que a pesquisa atingiu o seu objetivo; contudo, algumas nuances despertaram novas indagações, o que propôs a continuidade do Grupo de Estudo, mesmo após toda a avaliação e teorização cá apresentada.

Diante dos registros trazidos no Diário de Itinerância foi possível destacarmos algumas situações-limites, bem como atos-limites, que conduziram novas discussões. Nota-se que, por mais que tenhamos sinalizado a possível aparição de inéditos viáveis neste recorte da pesquisa, os mesmos não aparecem, visto que não foram percebidos ao longo dos quatro encontros. Acrescentamos ainda que as SL e os AL cá expostos foram pensados e organizados pelo coletivo. Assim, no quadro abaixo, daremos ênfase às questões que mais estiveram em evidência nos quatro encontros com as professoras.

Quadro 2: Situações-limites e Atos-limites – Grupo de Estudo.

DIÁLOGOS	SITUAÇÕES-LIMITES	ATOS-LIMITES
I	<ul style="list-style-type: none"> - Excesso de brincadeiras; - Cobrança dos pais em relação à escolarização das crianças, inclusive as da creche (com até 03 anos idade); - Disparidades na aprendizagem (leitura/escrita) nas instituições públicas e privadas; - Turmas multisseriadas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pensar uma rotina exclusiva para a EIC, que respeite os espaços disponíveis para a realização da mesma; - Dialogar, frequentemente, com os pais das crianças e esclarecer qual o real objetivo da EI; - Solicitar da SEMED orientações acerca de como proceder, diante das crianças da EI, sejam do campo ou da cidade.
II	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de rotina que respeite as especificidades do campo; - Carência de espaços físicos exclusivos para a EIC, nas escolas do campo; - Turmas multisseriadas; - Medo de perder alunos para escolas vizinhas, visto que transportes escolares de diferentes escolas fazem percursos 	<ul style="list-style-type: none"> - Pensar uma rotina exclusiva para a EIC, que respeite os espaços disponíveis para a realização da mesma; - Equipar as salas para receber apenas crianças da EI, sem ter que as dividir com outras etapas, nos horários opostos; - Repensar as temáticas discutidas

	semelhantes; <ul style="list-style-type: none"> - Falta de formações que orientem aos professores da EI a lidar com questões voltadas para a sexualidade; 	nas formações ofertadas pela SEMED;
III	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de organização sobre qual documento seguir, durante os planejamentos (Proposta da SEMED, BNCC, Proposta da Moderna); - Módulos adotados pelo município para a EI; - Ausência de Diário de Acompanhamento; - Falta de proximidade/comunicação entre SEMED e professores; - Falta de identidade do povo que habita o Projeto Formoso "A"; 	<ul style="list-style-type: none"> - Dialogar, periodicamente e diretamente com os professores, não apenas com a equipe gestora (os técnicos da SEMED); - Rever a linha de pensamento da SEMED e da editora Moderna e buscar conciliá-las, se possível; - Criar um grupo de WhatsApp, caso não seja possível o diálogo presencial com regularidade;
IV	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de orientação sobre o manuseio do módulo, por parte da SEMED e da coordenação da escola; - Falta de alinhamento acerca de como organizar o planejamento, por parte da SEMED; - Falta de critérios na seleção dos professores/as da Educação Infantil, sede e campo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dialogar, frequentemente, com a Secretaria Municipal de Educação.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (junho de 2018).

No decorrer dos diálogos, por vezes, nós nos remetemos à questão que moveu essa pesquisa. Donas de olhares amplos e de uma escuta sensível, as professoras pesquisadoras, bem como a pesquisadora principal, elencaram algumas situações-limites, seguidas de atos-limites que, sendo desenvolvidos, conduzirão todos os sujeitos ao ser mais. A evoluir, a transformar o que não suportam em algo que não lhes firam.

Pensar as professoras da EIC como sujeitos históricos e de direitos, inacabados e conscientes, é pensar nas mesmas como seres que podem e devem se enxergar diante de quaisquer adversidades, seres que podem ser mais, pelo simples fato de estarem sendo, de estarem em busca do que julgam merecer. Como frisa Freire (1987, p. 75, grifos do autor), a “busca do *ser mais*, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na

comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos”.

Nesse sentido, durante a teorização e a avaliação dos dados obtidos, no transcorrer dos diálogos, destacamos algumas categorias que o grupo deu mais evidência, como o excesso de brincadeira nas turmas de Educação Infantil e as suas consequências, positivas e negativas; a dificuldade em se trabalhar em turmas multisseriadas, no campo, independentemente da etapa; o cuidado em conhecer quem são as crianças com as quais têm lidado e, por fim, sobre a identidade indefinida do Projeto Formoso “A”, enquanto espaço campesino.

Considerações

A pesquisa em que resultou este trabalho respeitou os ideais freirianos (FREIRE, 1987, 1992, 1996) e, sem dúvida, respondeu à questão norteadora, qual seja: *como acontece a formação dos/as professores/as da Educação Infantil Campesina no município de Bom Jesus da Lapa – BA?* Assim, para isso, consideramos os diálogos como ponto de partida, ponto intermediário e ponto de reflexão para uma nova partida, em busca da formação das professoras que, dentro das suas possibilidades, contribuíram na organização de ideias que também contribuirão na concretização de um documento que direcione a Educação Infantil no município em foco, seja na cidade, seja no campo.

Nesse viés, sem os preceitos que regem PAE, a realização dessa pesquisa não teria sido possível e, conseqüentemente, não saberíamos o que, de fato, angustia as professoras da EI do Projeto Formoso “A”.

É pertinente lembrarmos que o modo como os profissionais da Educação são tratados e/ou ignorados fortalece a imposição e a falta de avanços na melhoria das formações recebidas, isso ficou evidente nos diálogos, quando as professoras sinalizavam a ausência de momentos discursivos com a Secretaria Municipal de Educação, da qual recebiam apenas propostas prontas e/ou pensadas com os coordenadores pedagógicos das escolas, que nem sempre sabiam repassar as informações obtidas. Isso deixa nítido que não se tem explorado o processo de escuta.

Diante da teorização e da avaliação dos dados, momento muito importante para compreendermos e agirmos em prol da busca pelo ser mais, ficou perceptível que o município não possui um calendário de formações continuadas, com intervalos curtos, que

dê certo conforto aos professores da EI e da EIC. Outra questão que acendeu, no decorrer dos diálogos, foi a falta de discussões corriqueiras — como o brincar, a sexualidade, a rotina, a organização dos espaços — nos momentos em que acontecem encontros entre os/as professores/as e os/as representantes da SEMED. Esses encontros, por vezes, servem apenas para repassar informações, ou seja, a dinâmica difere de uma proposta dialógica.

Por fim, como esta pesquisa partiu dos princípios de uma pesquisa-ação existencialista e como a mesma é fruto de um Mestrado Profissional, segundo as professoras pesquisadoras, o melhor produto a ser compartilhado aqui é a vontade de divulgar o quão especial e específico é o Projeto Formoso “A”, quando não se encaixa em Educação urbana nem campesina, informação nunca antes pensada pelas mesmas, mas que agora faz sentido e as convida a rever as suas práticas e ações, seja em sala de aula/referência, seja nos cursos de formação continuada.

Referências

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro, 2007.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Revista Brasileira de Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MIRANDA, M. G.; RESENDE, A. C. A. **Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2006, vol.11, n.33, pp.511-518. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782006000300011>.

SARTRE, J-P. **O Existencialismo É um Humanismo**. Tradução de Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.